



**UNIPORÁ – CENTRO UNIVERSITÁRIO DE IPORÁ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JULIANA SANTOS PERES

O USO DAS MÍDIAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA: OS DESAFIOS DAS TELAS.

**IPORÁ – GO
2025**



JULIANA SANTOS PERES

O USO DAS MÍDIAS NA INFÂNCIA: OS DESAFIOS DAS TELAS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Centro Universitário de Iporá- UNIPORÁ, em cumprimento às exigências parciais para a obtenção do título de Pedagoga.

Aprovada em: 30 de junho de 2025.

Banca Examinadora

Professora Ma. Ana Paula Ferreira de Lima
Orientadora (UNIPORÁ)

Professor Me. Pedro Vinicius Barreto de Souza
Examinador (UNIPORÁ)

Professora Esp. Vilma Soares
Examinadora (CONVIDADA)

O USO DAS MÍDIAS NA INFÂNCIA: OS DESAFIOS DAS TELAS.

THE USE OF MEDIA IN CHILDHOOD: THE CHALLENGES OF SCREENS.

Juliana Santos Peres¹

Ana Paula Ferreira de Lima²

RESUMO

Este trabalho tem como tema a análise dos impactos do uso excessivo de tecnologias digitais no desenvolvimento infantil, especialmente em crianças da Educação Infantil. O objetivo principal da pesquisa foi compreender como o uso das telas influencia o comportamento, o aprendizado e as interações sociais das crianças. A metodologia adotada foi qualitativa, utilizando uma análise sistemática de dados coletados em na literatura científica. Os principais resultados apontam que o uso excessivo de tecnologias digitais está relacionado uma série de mudanças no comportamento e no desenvolvimento cognitivo das crianças, onde foi possível notar um aumento significativo nos casos de dificuldades de concentração, aprendizagem, atenção, memória, dificuldade em se autorregular e principalmente, menor interação social entre os alunos, fatores que comprometem o aprendizado e o desenvolvimento emocional. Destaca-se ainda, a necessidade de uma abordagem pedagógica equilibrada, que favoreça a interação social e o desenvolvimento cognitivo sem excessiva dependência das telas. As considerações finais reforçam a importância de educadores e famílias trabalharem juntos para estabelecer limites e promover o uso saudável das tecnologias, além de sugerir que futuras pesquisas explorem mais a fundo as implicações do uso prolongado das telas na primeira infância.

Palavras-chave: tecnologia digital; desenvolvimento infantil; comportamento infantil; educação infantil; uso das telas.

ABSTRACT

This work has as its theme the analysis of the impacts of the excessive use of digital technologies on child development, especially in children in Early Childhood Education. The main objective of the research was to understand how the use of screens influences the behavior, learning and social interactions of children. The methodology adopted was qualitative, using a systematic analysis of data collected in the scientific literature. The main results indicate that the excessive use of digital technologies is related to a series of changes in the behavior and cognitive development of children, where it was possible to notice a significant increase in cases of difficulties in concentration, learning, attention, memory, difficulty in self-regulating and mainly, less social interaction between students, factors that compromise learning and emotional development. It is also highlighted the need for a balanced pedagogical approach, which favors social interaction and cognitive development without excessive dependence on screens. The final considerations reinforce the importance of educators and families working together to set limits and promote the healthy use of technologies, in addition to suggesting that future research further explores the implications of prolonged use of screens in early childhood.

Keywords: digital technology; child development; child behavior; early childhood education; screen use.

INTRODUÇÃO

Com o progresso da tecnologia, o tempo que as famílias passam próximas às telas se tornou habitual. Por estar se tornando mais presente em todos os aspectos da vida cotidiana, as crianças tem tido acesso aos meios digitais desde muito jovens, enfrentando essa realidade todos os dias. O contato com dispositivos eletrônicos, como tablets, smartphones e

¹ Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário de Iporá- UNIPORÁ, GO. E-mail: julianasanttos16@gmail.com

² Orientadora. Mestra em Gestão, Educação e Tecnologia- pela Universidade Estadual de Goiás- UEG, unidade Luziânia. E-mail: nanapaula.ferr@gmail.com.

computadores, inicia-se em idades cada vez mais jovens, gerando apreensões sobre os potenciais impactos no desenvolvimento das crianças. Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2019), o uso excessivo de telas pode comprometer o sono, a linguagem, a socialização e a atenção das crianças. A recomendação é de que crianças menores de dois anos não sejam expostas a telas, salvo em videochamadas com familiares, e que, entre dois e cinco anos, o tempo seja limitado a uma hora por dia, com supervisão e conteúdo educativo.

Estudos como o de Christakis (2004) também indicam que a exposição prolongada a programas rápidos e interativos pode contribuir para o aumento de comportamentos impulsivos e dificuldades de concentração. Além disso, a falta de interação humana durante o uso de dispositivos reduz as oportunidades de aprendizado por meio da linguagem, do afeto e do jogo simbólico — elementos centrais no desenvolvimento infantil, conforme enfatiza Papalia et al. (2015).

Do ponto de vista da educação, autores como Morin (2000) propõem uma reflexão sobre a necessidade de uma nação formar crianças críticas, sensíveis e integradas ao mundo de forma ética e responsável. Mas, para isso, a família e os educadores devem estar ao lado delas, conscientes e explorando como consumir, e sempre proporcionando tipos de experiências que podem ser ainda mais enriquecedoras do que qualquer coisa na tela, como, por exemplo, ler juntos, jogar um jogo ao ar livre ou conversar. É precisamente através de experiências tão diversificadas e saudáveis que desenvolvemos crianças mais preparadas, inquisitivas e harmoniosas.

Assim, compreender os impactos da tecnologia no desenvolvimento infantil exige não apenas o estudo de seus efeitos, mas também a promoção de estratégias colaborativas, baseadas em conhecimento científico, diálogo e escuta ativa entre todos os envolvidos no processo educativo. Dessa forma, cabe à escola e a família, unirem o esforço na tarefa de formação de um plano de ação para posterior aplicação de diferentes formas, que possam auxiliar as crianças a encontrar um equilíbrio no uso da tecnologia, sem despadronizar a rotina dos alunos e não deixando de lado as interações reais, as brincadeiras livres e as atividades físicas que, são fundamentais para a saúde mental e bem-estar dos pequenos.

Portanto, o presente trabalho tem como tema o desenvolvimento infantil e as influências da tecnologia na primeira infância, com foco especial no uso de telas digitais e seus impactos nas dimensões cognitivas, emocionais e sociais das crianças. A infância é uma fase decisiva para a formação de habilidades essenciais, e o uso precoce e excessivo de dispositivos eletrônicos tem gerado preocupações entre profissionais da saúde, da educação e principalmente nos familiares.

O recorte específico deste estudo concentra-se nos desafios enfrentados por famílias e escolas no controle e na mediação do uso das telas por crianças de zero a seis anos de idade, buscando compreender como o cotidiano de acesso livre às telas contribuem — ou dificultam — o desenvolvimento saudável das crianças. Como problema de pesquisa, questiona-se: Quais são os principais impactos do uso de telas no desenvolvimento infantil e como a família e a escola podem atuar de forma conjunta para promover um uso consciente e saudável dessas tecnologias na primeira infância?

Esse tema torna-se relevante devido a exposição precoce e prolongada de crianças aos dispositivos eletrônicos e os inúmeros casos de atrasos no desenvolvimento de crianças que utilizam as telas de maneira excessiva. Dessa forma, tais levantamentos exigem um olhar atento dos educadores, pais e profissionais da infância para que o uso da tecnologia não comprometa o desenvolvimento pleno das crianças.

Em relação ao objetivo geral deste trabalho, caracteriza-se em analisar as influências do uso de telas no desenvolvimento infantil e discutir o papel da família e da escola na promoção de práticas saudáveis em relação à tecnologia. Como objetivos específicos, propõe-se: Investigar os efeitos cognitivos, emocionais e sociais da exposição precoce às telas; Identificar as principais recomendações de especialistas sobre o uso de tecnologias na primeira infância; Refletir sobre as práticas familiares e escolares no controle do uso de dispositivos; Apontar estratégias colaborativas entre escola e família para a construção de hábitos digitais equilibrados.

O método utilizado para a construção deste trabalho será a pesquisa bibliográfica, com base em autores da área da educação, psicologia do desenvolvimento e saúde infantil, além de diretrizes de instituições como a Sociedade Brasileira de Pediatria. A análise será qualitativa, com foco interpretativo, voltada para a compreensão crítica dos dados obtidos na literatura científica.

CAPÍTULO 1: O DESENVOLVIMENTO INFANTIL E INFLUÊNCIAS DA TECNOLOGIA NA PRIMEIRA INFÂNCIA

O desenvolvimento infantil na primeira infância é um processo complexo, marcado por intensas transformações cognitivas, emocionais e sociais. É um processo natural do desenvolvimento humano que se desdobra em diversas fases, sendo que cada uma apresenta suas particularidades e ritmos diferentes para cada uma das etapas. Nesse período, a criança estabelece as bases para sua constituição como sujeito ativo no mundo (Brasil, 2012).

Piaget (1998) destaca que a criança aprende por meio da interação com o meio, sendo o brincar e a manipulação de objetos fundamentais para o desenvolvimento da inteligência sensório-motora e, posteriormente, da linguagem e do pensamento simbólico.

Conforme citado, apesar de existirem características compartilhadas entre todas as crianças, elas não se desenvolvem de maneira uniforme, não crescem na mesma velocidade e não estabelecem relações da mesma forma, pois, existem uma diversidade de fatores que podem influenciar tal desenvolvimento, como fatores socioculturais, contextos familiares e ambientais (Papalia; Feldm; Olds, 2001). Soma-se ao fato que o ambiente sociocultural e o ambiente familiar são inter-relacionados e que se influenciam mutuamente (Brasil, 2012).

Cabe ainda ressaltar diante esse contexto, a importância do lúdico nessa fase, sendo as habilidades que elas desenvolvem através do brincar, um dos aspectos fundamentais para o crescimento das crianças. Durante essas atividades lúdicas, os pequenos aprendem a responder a diferentes estímulos, a explorar diversos objetos e a exercitar sua imaginação e criatividade (NCPI, 2014). No entanto, percebe-se nos últimos anos que, com a desenfredda inserção das telas no dia-a-dia das crianças, o conceito de brincar sofre inúmeras transformações (Santos, 2020).

Deste modo, constata-se que os tradicionais jogos e brincadeiras presentes nas escolas e nas ruas são cada vez mais raros, chega-se ao ponto de que, praticamente todas crianças preferirem estar diante de uma televisão ou celular, passando longas horas do dia consumindo aplicativos midiáticos. Isso elucida o surgimento de um novo desafio: compreender as repercussões dessa exponencial exposição às telas. Contudo, toda essa fluência digital impacta negativamente o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças (Paiva; Costa, 2015).

Sabe-se que as inovações tecnológicas estão ocupando um lugar significativo na sociedade. E, por inovações tecnológicas entende-se como o uso de mídias digitais, podendo ser tanto dispositivos, quanto formatos ou estratégias de comunicação baseadas em sinais digitais. Dentre os exemplos mais comuns estão as redes sociais, jogos eletrônicos, livros em plataformas digitais, celulares, tablets, plataformas de streaming, vídeos em aplicativos interativos como Youtube e a televisão (APA, 2019, apud, Almeida, 2021).

A exposição infantil a essas mídias tornou-se cada vez mais comum (McManis & Gunnewig, 2012, apud, Almeida, 2021). Trata-se de uma geração que e está se desenvolvendo em um ambiente digital (Y. (Linda) R. Chassiakos et al., 2016, apud, Ameida, 2021). Um exemplo disso é a computação móvel, onde smartphones, e-books e tablets se destacam como os principais impulsionadores do crescimento do setor tecnológico (G. D. Chen, Chang, &

Wang, 2008, apud, Almeida, 2021) e são particularmente populares e ascendentes entre as crianças (Oliemat, Ihmeideh, & Alkhawaldeh, 2018, apud, Almeida, 2021).

Os elementos atuais, como a ascensão da internet e a intensa exposição de crianças às plataformas digitais, demandam uma preocupação específica nos modelos teóricos que abordam o desenvolvimento infantil. De maneira geral, os impactos das mídias digitais sobre as crianças são analisados dentro do contexto dos sistemas sociais em que a criança está inserida (Johnson & Puplampu, 2008, apud, Almeida, 2021).

Como pode-se observar, as inovações tecnológicas têm cada vez mais conquistado os lares brasileiros, que, por sua vez, tem afetado e contribuído diariamente para a fragilização das relações familiares e suscitando uma reflexão crucial sobre a maneira como as crianças estão formando laços com suas famílias (Santos; Garcia, 2020).

O contato com os dispositivos de tela tem iniciado ainda na geração mais nova, e, os primórdios de suas vidas, já são marcadas pelo manuseio do celular ou tablet com muita frequência. Apesar de a televisão ainda ser um dos principais meios utilizados (Nobre, 2021), os dispositivos pessoais mostram-se uma forte tendência infantil. A portabilidade desses aparelhos permitem que estejam sempre em companhia com as crianças, facilitando o acesso em diferentes lugares e em qualquer momento.

Na literatura científica, encontra-se um extenso acervo acerca da problemática, autores de diferentes ideais teóricos discutem sobre o uso da tecnologia durante a primeira infância e a influencia em que exerce sob o desenvolvimento infantil. Vários estudos têm identificado uma correlação entre a quantidade de tempo gasto nas mídias digitais e resultados prejudiciais à saúde infantil, abrangendo impactos negativos em aspectos cognitivos, físicos e psicossociais (Hinkley, Carson, Kalomakaeu, & Brown, 2017; LeBlanc et al., 2012, apud, Almeida, 2021).

Uma pesquisa longitudinal realizada com 3.455 famílias no Canadá, que aplicou análise de regressão linear múltipla, revelou que o tempo de tela superior a duas horas entre crianças em idade pré-escolar estava relacionado a um aumento nos riscos de surgimento de problemas de comportamento externalizantes, destacando, em particular, a questão da desatenção (Tamana et al., 2019, apud, Almeida, 2021, p. 14).

De acordo com Rideout (2017, apud, Almeida, 2021), estudos recentes realizados nos Estados Unidos indicam que, entre 2011 e 2017, o tempo que crianças de zero a oito anos passam em frente a dispositivos como smartphones e tablets aumentou de 4% para 35%. Já em uma pesquisa abrangente envolvendo 350 crianças de seis meses a quatro anos, constatou-

se que 338 (96,6%) delas faziam uso de mídias digitais, com a maioria (76,6%) começando a utilizá-las nos primeiros dois anos de vida (Kabali et al., 2015, apud, Almeida, 2021).

Em consonância a isso, Barr; Lauricella; Zack & Calvert (2010, apud, Almeida, 2021), afirmam que crianças que passam mais tempo assistindo televisão aos 12 meses têm apresentado pontuações mais baixas em funções executivas aos 4 anos. Contribuindo com esse pensamento, Fullwood (2019) citado por Almeida (2021) reflete em seu estudo que de acordo com a pesquisa de coorte realizada no Canadá que, quando exposta às telas, crianças de 2 a 3 anos apresentam resultados inferiores no seu desenvolvimento integral, ficando mais visíveis acima dos 3 anos de idade.

Não obstante, inúmeras pesquisas demonstram que a tecnologia exerce um impacto significativo no comportamento humano. A interação excessiva com as telas desde cedo pode levar a dificuldades nas habilidades sociais, queda no rendimento escolar, distúrbios no sono e na alimentação, problemas de visão, além de sérias implicações decorrentes de jogos online, que podem resultar em situações extremas, como suicídios e até coma por falta de oxigenação cerebral (Bermudez et al., 2016, apud, Barreto et al, 2023).

No Brasil, a pesquisa sobre o uso de dispositivos eletrônicos e os elementos relacionados é recente, mas já se observa uma crescente preocupação em estabelecer diretrizes para a utilização de telas por crianças. É essencial examinar a maneira e a duração da exposição para auxiliar na orientação e na prevenção do uso das tecnologias (Santos; Garcia, 2020). Assim, fica evidente que os dispositivos móveis estão trazendo transformações no mundo, essencialmente no universo lúdico, que se direciona cada vez mais para jogos, filmes, videogames, sites e animações disseminados por meio dessas tecnologias (Sousa, Salgado, 2015).

É evidente que muitos dos resultados negativos no desenvolvimento infantil estão ligados ao tempo dedicado a dispositivos eletrônicos. Observa-se um crescimento significativo em casos de ansiedade, dificuldades para dormir, comportamentos antissociais, diminuição da empatia e aumento da agressividade. Isso se explica pelo fato do uso excessivo da tecnologia comprometer o desenvolvimento adequado do sistema nervoso, afetando regiões cerebrais responsáveis pela comunicação, atenção e plasticidade neural (Reis et al., 2024).

Em consonância à esse fato, considera-se a exposição prolongada a dispositivos eletrônicos na infância como um fator de risco para o desenvolvimento neuropsicomotor, entendido como um processo dinâmico que avança com a ocorrência de estímulos, permitindo que as crianças desenvolvam competências nas áreas da linguagem, motricidade, percepção

sensorial, emoções, adaptação e cognição. Esse processo é influenciado tanto por aspectos ambientais quanto por fatores biológicos, sendo fundamental para o crescimento saudável e completo da criança (Ramos et al., 2024).

Isso acontece porque o uso antecipado da tecnologia tende a limitar o contato da criança com o seu meio, privando-a de explorar o ambiente por meio do engatinhar, tocar e brincar com diferentes objetos, dado que, por serem mais chamativas, as telas acabam substituindo essas vivências (Pereira et al., 2017). Ademais, por exigir menor esforço físico e mental, a influência das telas para a saúde física pode desencadear um estilo de vida sedentário, o que contribui para o surgimento de uma diversidade de patologias, como a obesidade infantil, diabetes, hipertensão e outras doenças cardíacas (Straker & Pollock, 2005, apud, Barreto et al, 2023).

Ainda, crianças expostas excessivamente às telas podem também apresentar dificuldades e atrasos na fala, na linguagem e nas habilidades motoras, assim como a problemas de saúde emocional e social (Madigan, 2019, apud, Barreto, et al., 2023). Além disso, essa situação pode causar intolerância, ansiedade e diminuição das interações lúdicas físicas, resultando em um estilo de vida sedentário e, como consequência, contribuindo para a obesidade infantil, diabetes, hipertensão e doenças cardíacas (Straker & Pollock, 2005, apud, Barreto et al, 2023).

Além disso, pode-se elencar ainda como consequência, o cansaço excessivo, estresse persistente, transtornos do neurodesenvolvimento, problemas comportamentais, depressão, falta de concentração, oscilações de humor, rendimento escolar insatisfatório, distúrbios do sono, hábitos alimentares irregulares, diminuição do convívio social e familiar, além de aumentar a vulnerabilidade à exposição a conteúdos impróprios para essa faixa etária (Straker & Pollock, 2005, apud, Barreto et al, 2023).

Os desafios nesse campo envolvem explorar além do conceito de tempo de tela, levando em conta o contexto e o tipo de conteúdo consumido, bem como uma análise do uso de mídias em ambiente familiar e em outros locais que a criança frequenta (Barr et al., 2020, apud, Almeida, 2021).

CAPÍTULO 2: OS DESAFIOS DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NO CONTROLE DO USO DAS TELAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Como mencionado, observa-se um aumento no número de crianças diante de telas e do tempo dedicado a essas atividades midiáticas. É reconhecido que a utilização excessiva de telas nos primeiros anos de vida expõe a criança a um fluxo de estimulações que excede a

capacidade de processamento de seu desenvolvimento psíquico (Assemany, 2016, apud, Puccinelli; Marques; Lopes, 2023). Porém, pelo fato da geração atual nascer em uma era digital e midiática, dificilmente os pais e cuidadores exercem autoridade em proibir o uso de telas pelas crianças (Santana; Ruas; Queiroz, 2021).

Embora a televisão continue a ser a forma de mídia mais prevalente na infância (Nobre, 2021), os aparelhos móveis interativos, como tablets e smartphones, também estão amplamente presentes no seu dia a dia (Hiniker, Radesky, Livingstone, & Blum-Ross, 2019; Radesky & Christakis, 2016, apud, Puccinelli; Marques; Lopes, 2023).

Enfrentar a influência das telas é um desafio para as famílias nos dias de hoje, devido ao fato de que esses dispositivos estão integrados na vida diária de adultos e crianças, conseguindo capturar a atenção das crianças desde os primeiros anos de vida. Os pais, irmãos e outros membros da família desempenham um papel essencial ao proporcionar acesso a dispositivos de comunicação. Eles atuam como os primeiros intermediários nesse contexto (SBP, 2019).

Frequentemente, as telas são utilizadas como estratégia para acalmar os pequenos (Kabali et al., 2015; Radesky, Peacock-Chambers, Zuckerman, & Silverstein, 2016, apud, Puccinelli; Marques; Lopes, 2023), ou para entreter as crianças enquanto os responsáveis realizam suas atividades profissionais e domésticas (Zimmermann et al., 2007, apud, Puccinelli; Marques; Lopes, 2023).

Essa prática é denominada distração passiva. O que é muito diferente do brincar ativamente, um direito universal e temporal de todas as crianças e adolescentes em fase de desenvolvimento cerebral e mental (SBP, 2019, apud, Arantes; Morais, 2021, p. 01).

Por outro lado, estudos mostram que pais e mães demonstram preocupações sobre os impactos dessa exposição precoce, muitas vezes sentindo-se culpados pelo uso excessivo da tecnologia na vida de seus filhos (Bentley, Turner, & Jago, 2016; Mallmann & Frizzo, 2019, apud, Puccinelli; Marques; Lopes, 2023).

A presença de dispositivos nas primeiras interações pode também comprometer a atenção do cuidador, com pesquisas indicando uma menor sensibilidade parental em relação às demandas dos filhos (McDaniel & Radesky, 2018, apud, Puccinelli; Marques; Lopes, 2023). Devido a isso, observa-se uma diminuição tanto na frequência quanto na qualidade das interações entre pais e crianças quando esses aparelhos estão em uso (Anderson & Hanson, 2013; Radesky et al., 2014, apud, Puccinelli; Marques; Lopes, 2023).

Com isso, a grande parte dos pais e responsáveis, não conseguem identificar plenamente os perigos associados ao uso excessivo das mídias tecnológicas e, com isso, comprometem sua habilidade de estabelecer e impor limites (Souza; Oliveira, 2016).

Conforme afirmam Santos e colaboradores (2020), na ausência da supervisão dos adultos na utilização de dispositivos eletrônicos, esses equipamentos acabam por se tornar os educadores das crianças, veiculando valores e conceitos nem sempre benéficos. Isso inclui desde jogos online que tendem a banalizar a violência, até animações em que as figuras principais desobedecem ou realizam ações que vão contra princípios éticos.

Portanto, é essencial que os responsáveis e educadores criem um ambiente online seguro para promover um desenvolvimento saudável e adequado para essa faixa etária. A interação da criança com o universo digital terá impactos, tanto benéficos quanto prejudiciais, conforme a supervisão do adulto, a qualidade do material consumido e o tempo dedicado a essa prática (Ahmed, et al., 2020).

Entretanto, o uso de dispositivos digitais na educação infantil não deve ser visto exclusivamente como uma responsabilidade dos pais, mas também como uma questão que solicita a intervenção da instituição de ensino. Tanto a família quanto a escola têm papéis essenciais na orientação e na definição de limites apropriados para a utilização de tecnologias pelas crianças. A família, em particular, exerce uma função crucial na supervisão do tempo que as crianças passam em frente às telas. É fundamental que os pais reconheçam os possíveis efeitos adversos do uso excessivo dessas tecnologias e implementem restrições claras quanto à duração do acesso e ao tipo de conteúdos consumidos (Vilarde, 2024).

Ao relacionar ao uso de telas nas escolas, considera-se que, a instituição de ensino, enquanto ambiente social e educacional, precisa conscientizar os responsáveis sobre as consequências desse uso, compartilhando e divulgando informações acerca dos impactos negativos no desenvolvimento infantil e na aprendizagem, propondo estratégias para que essa interação seja orientada de forma pedagógica (Silva; Bezerra, 2024).

Nas abordagens educacionais, é bastante habitual a utilização de aulas expositivas, nas quais o educador apresenta conteúdos específicos aos estudantes, facilitando a assimilação do conhecimento e a exploração do novo. Contudo, no contexto atual de tecnologia, muitos desses conteúdos já podem ser familiares para os alunos, intensificando o papel do professor como mediador. (Tavares, 2023).

Pode-se dizer que falta fato exprime uma desarmonia no ambiente escolar afeta de maneira significativa a atuação do docente. O docente se vê na obrigação de inovar suas abordagens e tornar suas atividades mais envolventes a fim de captar o interesse dos alunos.

Esses estudantes frequentemente enfrentam desafios de concentração, uma abundância de pensamentos, hiperatividade, que, em sua maioria, são resultados de experiências marcadas por uma vasta quantidade de informações, jogos digitais e um uso intenso de tecnologias (Tavares, 2023).

Este professor que aprendeu a cantar amarelinha, decorar tabuada, e reproduzir fonemas em versos de cantiga de roda; Agora está envolto de crianças cuja atenção não permanecerá em foco, se não houver dinâmicas e práticas entusiasmadas de ensino com métodos tecnológicos (Tavares, 2023, p. 08).

Em razão disso, estudiosos sugerem que as instituições de ensino avaliem a possibilidade de criar programas de intervenção e prevenção nesse campo, dirigidos a educadores, estudantes e responsáveis. É essencial que os pais e responsáveis estabeleçam fronteiras definidas para a utilização de dispositivos eletrônicos. Assegurar que o tempo gasto em frente às telas seja voltado para conteúdos educacionais apropriados para cada faixa etária é crucial.

Se escola e comunidade familiar trabalharem em conjunto, pondo limites na utilização de telas, e monitorando o acesso destas crianças, não há níveis prejudiciais que possam impactar no desenvolvimento do aluno. Visto que o mundo mudou, e as tecnologias estão presentes no cotidiano das crianças, não se pode aliená-las deste acesso. Porém, é uma orientação a nível de saúde, restringir o acesso precoce, limitar e conduzir esta criança a utilização dos recursos tecnológicos de forma mais saudável e apontando para conteúdos que promovam benefícios em seu desenvolvimento (Tavares, 2023, p. 13).

Para tal, a colaboração entre os responsáveis, docentes e a comunidade em que a criança está inserida, é fundamental para estabelecer um ambiente que promova o desenvolvimento harmonioso das crianças, assegurando que a tecnologia desempenhe um papel positivo em seu progresso (Santos; Canal; Silva, 2024).

CAPÍTULO 3: O IMPACTO DO USO DE TELAS NA APRENDIZAGEM

O tempo dedicado às telas, o uso desmedido, as limitações e, principalmente, a presença de dispositivos eletrônicos no processo educativo, têm sido assuntos de intensos debates entre especialistas que apresentam tanto argumentos a favor quanto contra. Em um contexto geral, torna-se comprovado que os verdadeiros efeitos das telas aparecem em especial, no processo de aprendizagem (Custódio; Lima, 2024).

No que tange à aprendizagem, uma das abordagens que analisam a conexão entre o desenvolvimento e a aprendizagem é a teoria sociocultural proposta por Lev Vygotsky. Segundo o autor, o desenvolvimento não acontece ao mesmo tempo que a aprendizagem; na verdade, o desenvolvimento é um processo que se desdobra a partir da aprendizagem. (Vygotsky, 1977, apud, Silva; Bezerra, 2024).

Dessa forma, a aprendizagem é vista como um mecanismo que impulsiona o desenvolvimento. Isto é, a criança internaliza e reproduz comportamentos antes de compreendê-los e utilizá-los de maneira consciente; por isso, o desenvolvimento ocorre em razão da aprendizagem, destacando-se a relevância das interações sociais e culturais dentro desse contexto. Assim, a aprendizagem possibilita que o indivíduo se aproprie da cultura na qual está inserido, abrindo caminhos para seu desenvolvimento (Silva; Bezerra, 2024).

Segundo as ideias de Vygotsky, Mota (2021, apud, Silva; Bezerra, 2024) destaca a relevância da educação formal no desenvolvimento integral das crianças, uma vez que a escola ajuda os pequenos a adquirir novas habilidades, como a consciência crítica e a compreensão, favorecendo novas interações tanto com o ambiente ao redor quanto consigo mesmas. Entretanto, não somente a escola é importante para esse processo, o ambiente familiar também tem uma importância vital na educação e no desenvolvimento infantil, pois, é o lugar onde a criança passa a maior parte do seu tempo. É no seio da família que se formam os primeiros vínculos e os estímulos essenciais para o crescimento. A interação com pessoas, objetos e símbolos é fundamental para a evolução cognitiva, sendo que a família desempenha um papel de suporte na ligação da criança com a sociedade. Por outro lado, quando insere o uso excessivo de telas na dinâmica familiar, esse mesmo contexto pode trazer danos ao desenvolvimento infantil (Silva; Bezerra, 2024).

Conforme menciona Pasqualini (2010, apud, Tavares, 2023), na Educação Infantil, em uma sala de aula, o educador tende a adotar práticas lúdicas e criativas para facilitar a assimilação do conhecimento nessa fase. Torna-se necessário e essencial ensinar por meio da brincadeira, pois, assim como relata Tavares (2023, p 09) “ no processo do brincar, a criança desenvolve a atenção, imitação, memória, imaginação e também amadurece algumas capacidades de socialização por meio da interação e utilização de regras e papéis”.

Sendo assim, na educação infantil, o professor deve mostrar a cada criança as diversas dimensões da realidade que ela só pode compreender por meio de sua interação com o meio (Elkonin, 1960, apud, Tavares, 2023). Portanto, na impossibilidade de tal interação, a criança dificilmente terá um processo de aprendizado positivo e satisfatório, principalmente quando relacionado ao acesso excessivo de telas.

Considerando a constatação de crianças em fases primária de desenvolvimento, ao iniciar os estudos, a atenção que uma criança na educação infantil dedicará a uma aula sem dinamismo e originalidade será bastante limitada, onde, e as repercussões desse excesso podem resultar em problemas como impaciência, dificuldade de foco, dependência digital e ainda, dificuldades de aprendizagem (Tavares, 2023).

Conforme apontado pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2024) e por Madigan et al. (2019, apud, Alves, et al., 2025), o uso excessivo de dispositivos digitais afeta de maneira adversa a habilidade de aprendizado, a atenção e a memória. Isso pode levar a dificuldades de concentração mesmo em um período prolongado, resultando em um desempenho escolar comprometido, pois, o cérebro tende a se habituar com esse padrão, reduzindo a capacidade de se concentrar em tarefas que demandam foco, tempo e paciência.

Ademais, a imaginação, pensamento, criatividade e raciocínio da criança são prejudicados, uma vez que ao passar muito tempo em frente às telas, as atividades ao ar livre e os desafios do dia a dia ficam em segundo plano, resultando em uma diminuição do interesse em ambas as áreas. Pelo fato das telas requererem um mínimo de esforço mental, tende a favorecer a escolha por atividades que demandam pouca energia, resultando em apatia e nessa limitação na criatividade e no pensamento crítico (Alves, et al., 2025).

a tela afeta negativamente a atenção e a concentração, a aprendizagem e a memória, a regulação emocional e o funcionamento social, a saúde física, e o desenvolvimento de distúrbios mentais e de uso de substâncias" (Demência digital na geração da Internet: o tempo excessivo de tela durante o desenvolvimento do cérebro aumentará o risco de doença de Alzheimer e demências relacionadas na vida adulta", publicado no Journal of Neuroscience em 2022, apud, Custódio; Lima, 2024, p. 02).

Ao analisar os comportamentos observados em sala de aula, Tavares (2023) resume que cada docente pode identificar pelo menos uma consequência da influência do uso desmedido da mídia na educação infantil, a qual contribui para diversas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem. Há um entendimento comum de que os alunos estão mais agitados, e essa aceleração no comportamento pode ser atribuída à incessante exposição a informações e conteúdos, resultando em uma postura apressada e imediatista, uma vez que as mídias e tecnologias oferecem acesso rápido e fácil.

Por outro lado, muitos professores notam que os estudantes tendem a ficar mais reservados e tímidos, resultando em uma interação reduzida entre si. A diminuição das conversas compromete o processo de socialização. Esses alunos tornam-se mais inibidos e enfrentam maiores desafios ao colaborar em atividades coletivas. Especialistas da Sociedade Brasileira de Pediatria também destacam essa questão como um possível efeito do uso excessivo e desregulado de tecnologias na infância. O afastamento social, as dificuldades na comunicação, assim como problemas relacionados à linguagem e à interação em grupo, são consequências da influência excessiva dos meios digitais (Tavares, 2023).

Apesar da grande disponibilidade de informações e a presença de tecnologias na sociedade serem extremamente importantes, elas não asseguram necessariamente o

desenvolvimento intelectual e a promoção de um estilo de vida saudável. Nesta fase da vida, há uma intensa interação e absorção de estímulos, e é por meio dessas interações, especialmente com os dispositivos tecnológicos, que a saúde das crianças é continuamente impactada (Medianeira et al., 2015, apud, Arantes; Moreira, 2022). Assim, é fundamental ter atenção aos tipos de tecnologias que as crianças utilizam e como elas interagem com esses recursos.

CAPÍTULO 4: A UTILIZAÇÃO SAUDÁVEL DAS TELAS

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2019, apud, Prado; Oliveira, 2025), é aconselhável que crianças com menos de 2 anos evitem o uso de televisão, tablets, smartphones ou qualquer outro dispositivo audiovisual. Porém, quando acessado, recomenda-se que o uso de dispositivos eletrônicos não ultrapasse uma hora diária, sendo ainda preferível que esse tempo seja menor. Nessa fase da vida, o acesso a telas deve ser bastante limitado, pois é um momento crucial para o desenvolvimento motor e da linguagem (Santos; Canal; Silva, 2024). Dessa forma, restringindo o tempo dedicado às telas para menos de uma hora por dia, favorece-se uma maior participação em atividades físicas, interações sociais e brincadeiras criativas, que são fundamentais para o desenvolvimento integral da criança (Santos; Canal; Silva, 2024).

A introdução dessas mídias deve ocorrer a partir dos 5 anos, com um tempo máximo de 60 minutos por dia (Câmara et al., 2020, apud, Prado; Oliveira, 2025). A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2020, apud, Prado; Oliveira, 2025) sugere que o uso de telas seja adequado à faixa etária, levando em consideração a maturidade e o desenvolvimento cerebral das crianças.

A supervisão dos pais desempenha um papel fundamental na garantia de que o conteúdo consumido seja educativo e adequado à idade da criança. É extremamente relevante que os responsáveis optem por conteúdos de alta qualidade, capazes de estimular a aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades, e estejam presentes durante o uso desses dispositivos para fornecer orientação e interação com a criança, assegurando assim uma experiência tecnológica saudável e enriquecedora (Santos; Canal; Silva, 2024).

Já para crianças a partir de quatro anos, o recomendado é que tenham o tempo de exposição a telas restringido a no máximo duas horas por dia, sendo, essencial priorizar o consumo de conteúdo educativo e de boa qualidade. Para isso, os adultos devem acompanhar de perto o uso desses dispositivos pelas crianças. Contudo, as atividades livres de telas, como brincar ao ar livre, momentos de lazer e passar tempo com a família, é crucial para o

desenvolvimento saudável dos pequenos. Além disso, criar períodos sem telas e agir como um modelo no uso responsável da tecnologia são hábitos importantes para incentivar práticas saudáveis. (Santos; Canal; Silva, 2024)

Também, recomenda-se limitar o uso de dispositivos eletrônicos durante as refeições e nas horas que antecedem o sono, momentos em que é aconselhável evitar as telas para a fim de assegurar hábitos alimentares adequados e melhorar a qualidade do descanso. Também são fornecidas orientações aos pais e cuidadores para que sejam exemplos no uso responsável da tecnologia, estabelecendo limites para o tempo diante das telas e incentivando a participação em atividades offline. Por fim, é importante valorizar aplicativos e programas que estimulem o aprendizado e a interação social (Santos; Canal; Silva, 2024).

Em resumo, as diretrizes da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) ressaltam a necessidade de equilibrar a utilização da tecnologia com outras atividades fundamentais para o desenvolvimento das crianças. É fundamental que pais e responsáveis monitorem tanto o conteúdo quanto a duração da exposição às telas, garantindo que a era digital traga benefícios para o crescimento e progresso infantil. A implementação dessas sugestões pode ajudar a estabelecer um ambiente digital seguro e enriquecedor, onde a tecnologia funcione como um recurso para aprendizagem e entretenimento de forma saudável, reduzindo assim, os efeitos negativos advindos do uso demasiado (Santos; Canal; Silva, 2024).

Sobretudo, ensinar as crianças sobre o uso responsável da tecnologia e a segurança na internet torna-se também fundamental. Isso envolve alertá-los sobre os riscos que existem no mundo digital e a relevância de manter comportamentos saudáveis nesse espaço. No entanto, ao adotar métodos eficientes junto a uma postura equilibrada, é viável reduzir as consequências negativas enquanto se usufrui das vantagens que a tecnologia oferece. É responsabilidade dos pais, professores e da comunidade como um todo assegurar um ambiente que favoreça o completo desenvolvimento das criança (Santos; Canal; Silva, 2024).

CAPÍTULO 5: O GUIA PRÁTICO

Com base nas diretrizes de instituições de renome mundial e na pesquisa realizada, ficou evidente que uma interação excessiva com as mídias pode prejudicar o desenvolvimento saudável de capacidades infantis, explicitando assim, a existência de potenciais riscos associados ao consumo de conteúdos inadequados, especialmente a longo prazo.

Diante a necessidade emergente em prol da orientação e conscientização do uso excessivo de telas no desenvolvimento infantil, foi desenvolvido através das pesquisas bibliográficas e dos acervos eletrônicos um guia pratico de orientação ao acesso de telas.

O Brasil possui uma legislação que prioriza o bem-estar infantil e juvenil, reconhecendo sua condição especial como indivíduos em desenvolvimento, e se esforça para implementar essas normas na prática cotidiana. Assim, ao empregar o termo "telas" no plural, faz-se uma alusão aos variados modos como as crianças utilizam dispositivos tecnológicos em sua rotina diária.

Pensado e criado em decorrência dessa pesquisa, esse guia abaixo (Figura 1) visa servir como instrumento de orientação e conscientização do uso excessivo de telas e mídias pelas crianças em primeira infância, reunindo informações da OMS, SBP a respeito do tema.

Figura 1 - Primeira parte do guia prático de orientação.



Fonte: As próprias autoras.

Dividido em duas partes, a primeira parte do guia refere-se a apresentação do tema, das autoras e formas de ajudar a criança no uso de dispositivos eletrônicos. Já na segunda parte (Figura 2) o guia apresenta informações sobre o uso excessivo de telas, apontando principais riscos de tal exposição, também apresenta recomendações de uso e um pequeno esquema informativo referente ao tempo que cada criança em suas diferentes fases de desenvolvimento podem ter acesso as telas. Ainda, esse guia conta com informações



adicionais e um alerta par a exposição nos devidos aparelhos. Segue abaixo a imagem.

Figura 2: Segunda parte do guia de orientação

Fonte: As próprias autoras.

Este Guia oferece orientações baseadas em evidências científicas sobre o impacto do consumo de telas por crianças e adolescentes em diferentes contextos globais, levando em consideração a diversidade e a pluralidade dos lares brasileiros.

3. MÉTODO

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, com o intuito de compreender, por meio da análise de produções científicas e institucionais, os impactos do uso de tecnologias digitais no desenvolvimento infantil durante a primeira infância. A pesquisa qualitativa é adequada à proposta, pois busca interpretar fenômenos sociais a partir da perspectiva dos sujeitos e das interações envolvidas, valorizando o contexto e a subjetividade (Minayo, 2012).

A abordagem bibliográfica foi conduzida por meio da leitura, seleção e análise de materiais acadêmicos, como artigos científicos, livros, dissertações, teses e documentos oficiais de organizações especializadas, como a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) e a Organização Mundial da Saúde (OMS). As buscas foram realizadas em bases de dados como Scielo, Google Acadêmico e periódicos da CAPES, utilizando descritores como: “tecnologia na infância”, “desenvolvimento infantil”, “uso de telas” e “educação e tecnologia”.

A metodologia adotada, portanto, oferece subsídios para compreender de forma crítica e contextualizada como a exposição às tecnologias digitais tem influenciado o desenvolvimento das crianças pequenas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos por meio da pesquisa de literatura realizadas trazem considerações importantes a respeito do uso de aparelhos eletrônicos por crianças e o quanto isso pode influenciar no desenvolvimento integral dos pequenos.

Após atender aos critérios de seleção dos estudos coletados na pesquisa, foram identificados 87 artigos relevantes para o tema abordado. Contudo, entre eles, 64 destacavam de maneira direta os efeitos que a exposição excessiva ao tempo de tela pode provocar no desenvolvimento infantil, que é o foco principal deste artigo.

Essa situação pode ser compreendida pelos elevados índices e informações bibliográficas resultantes de investigações realizadas por autores como Arantes e Morais (2021), que evidenciaram, através dos dados coletados em seu estudo, uma grande frequência

do uso de dispositivos de mídia entre crianças. De acordo com os pesquisadores, em uma pesquisa realizada em seu estudo, 102 crianças, relataram ter utilizado algum tipo de dispositivo de mídia ao menos uma vez por dia, esse número refere-se a 100% dos dados.

Esse achado reforça a pesquisa realizada por Nobre et al., (2021), na qual os autores demonstraram que aproximadamente 94,5% das crianças com até 3 anos de idade utilizaram dispositivos móveis.

Nos dois estudos, a idade mínima de exposição foi inferior a dois anos, conforme mencionam Arantes e Moraes (2021), com 83% das crianças começando a utilização antes de completar um ano de vida. Esse dado indica que os pais ou cuidadores não estão seguindo as recomendações da Sociedade Brasileira de Pediatria, da Organização Mundial da Saúde e da Sociedade Americana de Pediatria.

Os números são altos e abrem espaço para questionamentos sobre a forma como os pequenos estão obtendo esses dispositivos, considerando suas idades. Arantes e Moraes (2021) apresentam dados alarmantes que indicam que, na maior parte das vezes, os pais são os responsáveis por proporcionar o acesso a esses aparelhos, utilizando-os principalmente como uma forma de entretenimento ou para acalmar as crianças, deixando em maior parte do tempo sem devida supervisão. Contudo, os autores alegam que apesar de ser compreendido como vilões, os aparelhos possuem possibilidades de utilizá-los de maneira educativa, como seria o ideal, porém, o que pode ser observado contradiz com esse ponto.

Indiscutivelmente, há a concordância entre os autores encontrados na literatura científica que as principais áreas prejudicadas quando se dá o uso excessivo de celulares, televisores e computadores, referem-se as de desenvolvimento biológico, psicológico e social, podendo citar a aprendizagem, a psicomotricidade, sociabilidade, memória, concentração, prejuízo de sono, agitação, e problemas de saúde como obesidade infantil.

Em contribuição, Madigan et al., (2019), relata que o uso exagerado de tecnologias digitais pode afetar de maneira adversa a habilidade de aprender, a concentração e a memória, levando a dificuldades para manter o foco por períodos prolongados e comprometendo o desempenho acadêmico. Quando o cérebro se acostuma a consumir vídeos curtos repletos de informações por longos períodos, a capacidade de se concentrar em tarefas que demandam atenção, tempo e paciência fica consideravelmente prejudicada, o que se torna um obstáculo à produtividade.

O autor acima citado ainda relata que além desses efeitos, a imaginação e o pensamento crítico da criança também ficam comprometidos, pois, o uso excessivo de

dispositivos eletrônicos em detrimento das atividades ao ar livre e da resolução de problemas cotidianos resulta em uma desmotivação nessas áreas.

Por sua vez, Piaget (1976) reforça que o desenvolvimento cognitivo se constrói por meio da ação sobre o ambiente, e não apenas por estímulos passivos como os oferecidos por vídeos ou aplicativos. Além das questões ligadas à cognição, a pesquisa evidencia que as crianças também enfrentam impactos negativos em sua saúde física e emocional devido ao uso excessivo de tecnologia. A dificuldade em assimilar informações, problemas com o sono e aumento da agressividade são algumas das primeiras dificuldades que aparecem, resultando em uma interação social comprometida.

Conforme expõe Madigan et al., (2019), isso ocorre em função do extenso período em que a criança fica exposta aos dispositivos e interação com o ambiente virtual. Em contribuição a esse achado, Mougharbel e Goldfield (2020) notaram que o consumo excessivo está ligado ao aparecimento de sintomas depressivos e de ansiedade em crianças, impactando de maneira desfavorável seu bem-estar mental.

Nesse contexto, Maragni (2022) ressalta igualmente os impactos adversos do uso excessivo de telas nas relações sociais e na saúde mental. A autora aponta que a exposição prolongada a dispositivos eletrônicos pode dificultar a comunicação e as competências interpessoais, diminuindo a habilidade das crianças de participarem de interações sociais importantes. Essa situação provoca lacunas no desenvolvimento social e emocional, afetando a forma como elas se conectam com o ambiente que as cerca.

Tais exposições se aproximam dos estudos de Christakis (2014). Para ele, essa questão é importante, pois as interações pessoais são essenciais para o aprimoramento da linguagem, comunicação e da empatia nas crianças.

De acordo com Westby (2021), independente se a criança possui um desenvolvimento considerado típico, o uso excessivo de telas explicita a suscetibilidade a atrasos na aquisição da linguagem, aumento da agressividade, especialmente quando expostos a conteúdos violentos, piora na auto-regulação e maior chance de engajar em comportamentos prejudiciais, além de escolhas alimentares inadequadas, o que pode levar a um maior risco de obesidade, dependência de telas e em casos mais graves, comportamentos associados ao transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH).

É importante ressaltar que a qualidade do conteúdo consumido pelas crianças nas telas também é um fator relevante a ser considerado, por isso, de acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), é recomendável que crianças menores de dois anos não tenham

acesso a telas e que, entre dois e cinco anos, o tempo seja limitado a uma hora por dia, sempre com supervisão e conteúdo adequado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pôde-se compreender que o acesso exacerbado de crianças aos dispositivos eletrônicos tem acarretado em diversos efeitos negativos para o seu desenvolvimento.

Conforme evidenciado ao longo do conteúdo, o objetivo principal deste estudo foi compreender as influências do uso de tecnologias digitais no desenvolvimento infantil na primeira infância, mais especificamente em relação às crianças da Educação Infantil. Com base nos dados obtidos por meio dos achados teóricos, foi possível alcançar este objetivo, visto que os dados teóricos permitiram identificar claramente os efeitos do uso excessivo de telas no comportamento, aprendizado e desenvolvimento biopsicossocial das crianças.

Além disso, os objetivos específicos de descobrir como o tempo excessivo de tela afeta o aprendizado e a socialização, e compreender o papel da família e da escola no controle do uso de telas, bem como apontar formas saudáveis de utilização com a construção de um guia prático, também foram alcançados.

A pesquisa demonstrou que o uso excessivo de tecnologias digitais na infância está correlacionado com uma série de mudanças no comportamento e no desenvolvimento cognitivo das crianças. Existe a concordância entre os autores de um aumento significativo nos casos de dificuldades de concentração, atenção, memória, dificuldade em se autorregular e principalmente, menor interação social entre os alunos, fatores que comprometem o aprendizado e o desenvolvimento emocional.

O estudo também evidenciou que, embora as escolas tentem implementar estratégias para limitar o tempo de tela e orientar as famílias, há uma resistência por parte dos pais, que frequentemente não reconhecem os riscos associados ao uso inadequado das tecnologias. Isso sugere que um esforço maior de conscientização e educação sobre o tema é necessário, tanto na escola quanto em casa.

Dessa forma, este estudo contribui para a compreensão do impacto das tecnologias digitais no desenvolvimento infantil e oferece um panorama acerca dos impactos cognitivo, sociais e emocionais nas crianças em fase de formação em educação infantil. A pesquisa serve de base para que professores, gestores escolares e famílias se conscientizem sobre os riscos do uso excessivo de telas e a importância de estabelecer limites adequados.

Além disso, os dados obtidos e a reflexão com o guia prático de orientação sobre utilização dos aparelhos fornecem insights valiosos para o desenvolvimento de políticas públicas e iniciativas escolares que possam mediar o uso das tecnologias, equilibrando seus benefícios e riscos.

Embora este estudo tenha apresentado dados relevantes, ainda há muito a ser explorado sobre o impacto das tecnologias digitais no desenvolvimento da primeira infância. Sugere-se que futuras pesquisas se aprofundem nos seguintes aspectos: A análise de estudos longitudinais que acompanhem o desenvolvimento das crianças ao longo dos anos, para verificar os efeitos a longo prazo do uso de dispositivos digitais. Pesquisas que investiguem mais a fundo as estratégias adotadas pelas famílias para regular o uso de telas e seu impacto no desenvolvimento infantil também podem ser estudos a serem realizados. E estudo comparativo entre diferentes contextos culturais e socioeconômicos, para verificar se o uso de tecnologias digitais tem impactos distintos dependendo do contexto em que a criança está inserida.

Essas pesquisas podem fornecer informações adicionais para aprimorar as práticas pedagógicas e políticas de educação, contribuindo para a construção de um ambiente mais equilibrado e saudável para o desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

AAP. (2011). Media Use by Children Younger Than 2 Years. *Pediatrics*, 128(5), 1040–1045. <https://doi.org/10.1542/peds.2011-1753>.

AAP. (2016). Media and Young Minds. *Pediatrics*, 138(5). <https://doi.org/10.1542/peds.2016-2591>.

AHMED C, ARENA E, SOUZA J, OLIVEIRA M. Aspects related to the use of electronic media by children attending an outpatient school clinic in Rio de Janeiro county. *Residência Pediátrica* [Internet]. 2020;10(2). Disponível em: Available at: <https://cdn.publisher.gn1.link/residenciapediatria.com.br/pdf/aop51.pdf>. Acesso em 01 maio de 2025.

ALMEIDA, M. L. O USO DE MÍDIAS DIGITAIS NA PRIMEIRA INFÂNCIA: TECNOINTERFERÊNCIA, VARIÁVEIS ASSOCIADAS AO USO E PROPOSTA DE INTERVENÇÃO. [s.l.] Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientador: Dr.^a Giana Bitencourt Frizzo e co-orientação Prof.^a Dr.^a Denise Ruschel Bandeira, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/236113>. Acesso em 16 Abril 2025.

ALVES, D. R.; SOUZA, B. I. B.; SCARPITTA, A. S.; SILVA, J. S.; OLIVEIRA, R. S. O impacto do uso de telas no desenvolvimento infantil: uma revisão de literatura. *Revista*

Semiário De Visu, V. 13, n. 1, p. 01-15, abr. 2025. ISSN 2237-1966. DOI: 10.31416/rsdv.v13i1.1370. Acesso em 22 maio de 2025.

ANDRADE, A. V. R. de; FORTES, C. V. S.; ARAÚJO, L. M. S.; OLIVEIRA, C. C. B. O IMPACTO NEGATIVO DO TEMPO DE TELAS EM CRIANÇAS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. Revista Contemporânea, [S. l.], v. 4, n. 6, p. e4669, 2024. DOI: 10.56083/RCV4N6-077. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/4669>. Acesso em: 26 maio 2025.

ANDRADE, et al. O impacto negativo do tempo de telas em crianças: uma revisão sistemática. Revista Contemporânea - Contemporary Journal, v. 4, n. 6, p. 01-21, 2024. ISSN 2447-0961. Acesso em: 26 nov. 2024.

ARANTES, M. C. B, MORAIS E. A de. Exposição e uso de dispositivo de mídia na primeira infância. Resid Pediatr. 2022;12(4):1-6 DOI: 10.25060/residpediatr-2022.v12n4-535. Acesso em 19 maio de 2025.

BARRETO, Michelle De Jesus; AZEVEDO, Rebeca Soares; ALENCAR, Carla; LIMA, Alcione Assunção Correia. OS IMPACTOS DO TEMPO DE TELA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL. Revista SaúdeUNIFAN. 2023;3(1):58-66. (ISSN) 2764-9091. Disponível em: <https://saudeunifan.com.br/wp-content/uploads/2023/04/OS-IMPACTOS-DO-TEMPO-DE-TELA-NO-DESENVOLVIMENTO-INFANTIL.pdf>. Acesso em 22 de maio de 2025.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Coordenação de Saúde da Criança e Aleitamento Materno. Brasília, DF: Caderneta da criança, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-da-crianca/publicacoes/saude-da-crianca-crescimento-e-desenvolvimento-ministerio-da-saude-secretaria-de-atencao-a-saude-departamento-de-atencao/view>. Acesso em: 12 Abril 2025.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990: Estatuto da Criança e do Adolescente. Art. 21. Brasília, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 26 maio. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde – Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: Acompanhamento do crescimento e desenvolvimento infantil: Ministério da Saúde; 2012. Disponível em: <MIOLOfim3(saude.gov.br)>. Acesso em: 12 Abril 2025.

COSTA, I. M.; RIBEIRO, E. G. M.; FERNANDES, G. de S.; LUIZ, L. W. S.; MIRANDA, L. C. de; TEIXEIRA, N. de S.; SILVA, R. M.; CARPI, T. S. Impacto das Telas no Desenvolvimento Neuropsicomotor Infantil: uma revisão narrativa / Impact of Screens on Child Neuropsychomotor Development: a narrative review. Brazilian Journal of Health

Review, [S. l.], v. 4, n. 5, p. 21060–21071, 2021. DOI: 10.34119/bjhrv4n5-204. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/37018>. Acesso em: 26 may. 2025.

CUSTÓDIO, Beatriz Hellen da Silva; LIMA, Giovana Martins Bonilha. O IMPACTO DO USO DE TELAS NA APRENDIZAGEM. Anais do X CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/114771>>. Acesso em: 26/05/2025.

INSTITUTO FIOCRUZ. Uso das telas. 2022. Disponível em: <https://www.iff.fiocruz.br/index.php/pt/?view=article&id=35:uso-das-telas&catid=8>. Acesso em: 26 maio 2025.

LIMA, Ana Beatriz M. de Sousa; VIEIRA, Nathalia B. Marçal. RODRIGUES, Thais A. Mendes; OLIVEIRA, Flávia C. Santiago de Oliveira. Geração Glass: o impacto das telas no desenvolvimento infantil.

LIMA, T. B.; FREIRE, M. D.; ROCHA, A. A. da; SOUZA, F. T. de; NORONHA, N. C. M.; GUIMARÃES, A. de O. EFEITOS DA EXPOSIÇÃO EXCESSIVA DE TELAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL . Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences , [S. l.], v. 5, n. 4, p. 2231–2248, 2023. DOI: 10.36557/2674-8169.2023v5n4p2231-2248. Disponível em: <https://bjih.s.emnuvens.com.br/bjih/article/view/529>. Acesso em: 26 maio. 2025.

MADIGAN, S. et al. Association Between Screen Time and Children’s Performance on a Developmental Screening Test. JAMA Pediatrics, 173(3):244–250.

MARAGNI, Camila Vargas. Exposição excessiva às telas e suas consequências para o desenvolvimento infantil. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022. Aceso em 20 de maio de 2025.

MINAYO, Maria C.S (org). Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. 31. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à Educação do futuro . São Paulo: Cortez , 2001.

MOUGHARBEL, F.; GOLDFIELD, G. S. Psychological Correlates of Sedentary Screen Time Behaviour Among Children and Adolescents. Curr Obes Rep, 9, p. 493–511.

NCPI, Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância (2014). Estudo nº 1: O Impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância sobre a Aprendizagem. <http://www.ncpi.org.br>. Acesso em: 11 de abril de 2025.

NOBRE J. N.P. (2021). Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância. Ciência & Saúde Coletiva, 26 (3), 1127-1136.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Guidelines on physical activity, sedentary behaviour and sleep for children under 5 years of age. World Health Organization, 2019. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/311664>. Acesso em: 24 maio. 2025.

PAIVA, Natalia Moraes Nolêto de; COSTA, Johnatan da Silva. A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça? Teresina: O portal dos psicólogos, 2015. Disponível em: <A0839.pdf(psicologia.pt)>. Acesso em: 15 Abril 2025.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin; OLDS, Sally Wendkos. O Mundo da Criança 8.^a edição. Lisboa: Mc Graw Hill, 708 p., 2001.

PEREIRA, Juliana Fernandes; FORMIGA, Cibelle Kayenne Martins Roberto; VIEIRA, Martina Estevam Brom; LINHARES, Maria Beatriz Martins. Influência dos fatores biológicos e socioeconômicos no desenvolvimento neuropsicomotor de pré-escolares. Saúde e Pesquisa, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 135–144, 2017. DOI: 10.17765/1983-1870.2017v10n1p135-144. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/5788>. Acesso em: 16 maio. 2025.

PIAGET, Jean. A psicologia da criança. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

PRADO, G. de S. F.; ANTUNES SOUSA LUIZ DE OLIVEIRA, M. OS IMPACTOS DO USO EXCESSIVO DE TELAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL DE 3 A 6 ANOS. Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 1–19, 2025. DOI: 10.61164/rmm.v8i1.3893. Disponível em: <https://revista.unipacto.com.br/index.php/multidisciplinar/article/view/3893>. Acesso em: 26 maio. 2025.

PUCCINELLI, M. F.; MARQUES, F. M.; LOPES, R. DE C. S.. Telas na Infância: Postagens de Especialistas em Grupos de Cuidadores no Facebook. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 43, p. e253741, 2023. Acesso e 26 de maio de 2025.

RADESKY, J. S.; CHRISTAKIS, D. A. Increased Screen Time: Implications for Early Childhood Development and Behavior, Pediatric Clinics of North America, v. 63, p.827-839, 2016.

RAMOS, E. T. G.; MUNDIM, R. R.; ARAÚJO, G. C. S.; MARQUES, B. M.; LOURENÇO, A. F. de; MORONI, J. T. G. N.; SUASSUNA, C. A.; ALMEIDA, A. B. M. de; ABDALLA, P. R. Atraso do desenvolvimento neuropsicomotor e efeitos psicológicos associados ao uso excessivo de telas na infância. Brazilian Journal of Health Review, [S. l.], v. 7, n. 5, p. e74107, 2024. DOI: 10.34119/bjhrv7n5-575. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/74107>. Acesso em: 26 maio. 2025.

REIS, L. N. dos, SORENSEN, G. C., SARAN, G. N., PIROLA, I. M., MOFFA, T. I. P. de S., & BALTHAZAR, T. C. C. (2024). O uso de eletrônicos por pré-escolares e seus efeitos no desenvolvimento neuropsicomotor. Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences,

6(3), 1179–1195. <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n3p1179-1195>. Acesso em 26 de maio 2025.

SANTANA, M.I; RUAS, M. A.; QUEIROZ, P. H. B. O IMPACTO DO TEMPO DE TELA NO CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO INFANTIL. Revista Saúde em Foco – Edição nº 14 – Ano: 2021. Disponível em: <https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2021/05/O-IMPACTO-DO-TEMPO-DE-TELA-NO-CRESCIMENTO-E-DESENVOLVIMENTO-INFANTIL.pdf>. Acesso em 21 de Maio de 2025.

SANTOS, Cleimar Luís dos; GARCIA, Edna Linhares. Cartilha “brincar é coisa séria”. 2020. Disponível em: CARTILHA “BRINCAR É COISA SÉRIA” | Santos | Boletim Entre SIS (unisc.br). Acesso em: 13 de abril de 2025.

SANTOS, Cleimar Luís dos; GARCIA, Edna Linhares. Cartilha “brincar é coisa séria”. 2020. Disponível em: CARTILHA “BRINCAR É COISA SÉRIA” | Santos | Boletim Entre SIS (unisc.br). Acesso em: 18 de abril de 2025.

SANTOS, Maria Souza dos; CANAL, Sandra; SILVA, Karla Fernanda Wunder da. O IMPACTO DAS TELAS NA INFÂNCIA: BENEFÍCIOS E DESAFIOS. Anais PUC RS, Rio Grande do Sul, p. 1-12, 18 jun. 2025. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acesolivre/anais/1831/assets/edicoes/2024/arquivos/57.pdf>. Acesso em: 30 maio 2025.

SANTOS, Thaís A. S. et al. O acesso a tecnologias pelas crianças: necessidade de monitoramento. RISTI, Porto. n.38, set. 2020. Disponível em: <http://scielo.pt/pdf/rist/n38/n38a05.pdf>. Acesso em 18 abr. 2025.

SANTOS, Thaís Aluane Silva; REZENDE, Kátia Terezinha Alves; SANTOS, Ione Ferreira; TONHOM, Silvia Franco da Rocha. O acesso a tecnologias pelas crianças: necessidade de monitoramento. RISTI [online]. 2020, n.38, pp.38-48. ISSN 1646- 9895. <https://doi.org/10.17013/risti.38.48-63>. Disponível em: https://www.scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-98952020000300005&lang=en. Acesso em: 15 maio. 2025.

SBP – Sociedade Brasileira de Pediatria. (2019). #Menos telas #Mais saúde. Manual de Orientação, Grupo de trabalho Saúde na Era Digital. SBP. <https://bit.ly/41i2q0r>

SBP- Sociedade Brasileira de Pediatria. (2020). Recomendações sobre o uso saudável das telas digitais em tempos de pandemia da COVID-19. #Boas telas #Mais saúde. Nota de Alerta, Grupo de trabalho Saúde na Era Digital. SBP. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/recomendacoes-sobre-o-uso-saudavel-das-telas-digitais-em-tempos-de-pandemia-da-covid-19-boas-telas-mais-saude/>. Acesso em 21 de abril de 2025.

SBP, Sociedade Brasileira de Pediatria. Uso saudável de telas, tecnologias e mídias nas creches, berçários e escolas [Internet]. 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21511d-MO_-_UsoSaudavel_TelasTecnolMidias_na_SaudeEscolar.pdf. Acesso em 01 Maio de 2025.

SILVA, Irinez Tairene da; BEZERRA, Maria Aparecida Dantas. O IMPACTO DAS TELAS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM NA PRIMEIRA INFÂNCIA. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 10, n. 10, p. 2596–2609, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i10.16122. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/16122>. Acesso em: 26 maio. 2025.

SILVA, Thayse de Oliveira; SILVA, Lebiam Tamar Gomes. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. Rev. psicopedag., São Paulo, v. 34, n. 103, p. 87-97, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384862017000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 24 Abril 2025.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Benefícios da natureza no desenvolvimento de crianças e adolescentes. 2024. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/manual_orientacao_sbp_cen1.pdf. Acesso em: 26 maio. 2025.

SOUSA, A. B. de; SALGADO, T. D. M. Memória, aprendizagem, emoções e inteligência. Revista Liberato, [S. l.], v. 16, n. 26, p. 141–152, 2015. Disponível em: <https://revista.liberato.com.br/index.php/revista/article/view/363>. Acesso em: 26 maio. 2025.

SOUZA, Bárbara Couto de; FERNANDES, Lucas Guilherme. Excesso de Telas na Infância: O Impacto no Desenvolvimento Infantil. Revista Sociedade Científica, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 5513–5536, 2024. DOI: 10.61411/rsc202488017. Disponível em: <https://journal.scientificsociety.net/index.php/sobre/article/view/880>. Acesso em: 26 maio. 2025.

SOUZA, D Antunes de, OLIVEIRA, Joyce, M. O. A. Uso De Tecnologias Digitais Por Crianças E Adolescentes: Potenciais Ameaças Em Seus Inter-Relacionamentos. Fatec Bragança Pta [Internet]. Associação Educacional Bom Bosco. 2016. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos16/952473.pdf>. Acesso em 25 Abril 2025.

TAVARES, Leydiane. A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um reflexo na sala de aula a partir da perspectiva docente. 2023, Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) - Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/54594>. Acesso em 18 de Maio de 2025.

VILARDE, Gabriella Michelle Lima de Souza. A INFLUÊNCIA DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AVALIANDO O PAPEL DAS TELAS. [s.l.] Souzaead, 2024. Disponível em: <https://souzaeadrevistaacademica.com.br/revista/71-marco-2024/07-gabriella-michelle-lima-de-souza.pdf>. Acesso em 10 Maio de 2025.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. A formação social da mente. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WESTBY, C. Screen Time and Children with Autism Spectrum Disorder. *Folia Phoniatrica et Logopaedica*, v. 73, n. 3, p. 233–240, 2021.